

ANÁLISE DA NARRATIVA: “LA FICELLE” DE MAUPASSANT*

Judith Conceição de Oliveira Freitas

RESUMO

Análise das estruturas narrativas do texto de Maupassant, *La Ficelle*, salientando as oposições sobre as quais se apóia esse “tecido”, e fazendo, assim, aparecer suas “significações”.

1. INTRODUÇÃO

Escolhendo um conto de Maupassant como objeto de análise para nossa Dissertação de Mestrado, escolhemos um texto conhecido, pois Maupassant — na afirmação de Greimas, comprovada pela extensa bibliografia sobre o autor — é um dos escritores franceses mais lidos.¹

La Ficelle foi publicada, pela primeira vez, em Paris, no jornal em que o autor colaborava, *Le Gaulois*, em sua edição de 25 de novembro de 1883.

É a estória de um esforço inútil para fazer-se crer, impondo aos outros a versão autêntica de um ato, inconsequente para o sujeito, mas, para seus interlocutores, carregado de indícios incriminatórios.

Trata-se de um conto de estrutura simples, apresentando, porém, a tensão característica das grandes obras. Essa tensão, que a superfície enganosa não deixa perceber, emerge do jogo entre a língua e a linguagem, da própria escritura — lugar, enfim, das ambigüidades.²

A partir da análise das estruturas narrativas, procuramos mostrar a rede de relações de que se constitui o texto e, assim, ressaltar suas significações. Daí o destaque ao

* Este trabalho sintetiza parte da dissertação, sob o título: “LA FICELLE” de MAUPASSANT: ANÁLISE SEMIOLÓGICA, apresentada para obtenção do grau de Mestre.

1 GREIMAS, A. J. ((1976), p.10.

2 BARTHES, R. (1977), p. 162.

amplo papel da categoria da veridicação (Ser vs Parecer); ao estudo do investimento semântico, apoiado na oposição Natureza vs Cultura, e ao papel da influência coercitiva da Sociedade — elementos que formam a estrutura do conto.

O objetivo deste trabalho, é pois, des-velar alguns aspectos do sistema de funcionamento interno do texto de Maupassant, através do jogo de relações entre seus elementos componentes, salientando as oposições sobre as quais se apóia esse "tecido" e, assim, descobrir seus "possíveis" sentidos.

Para realizar essa tarefa de penetração na obra, empregamos "um" método de análise estrutural da narrativa, seguindo o modelo de previsibilidade de A. J. Greimas,³ que adota a perspectiva paradigmática de C. Lévi-Strauss, por sobre a visão sintagmática proposta por V. Propp, na *Morfologia do Conto*.

2. LA FICELLE: ANÁLISE

2.1 Transcrição das Seqüências

Greimas concebe a narrativa como uma série de enunciados encadeados, que se definem pela vinculação formal entre os actantes que os constituem. Por actantes entendemos as "unidades semânticas da armadura da narrativa".⁴

Desta maneira, a segmentação do texto em seqüências⁵ — unidades narrativas — torna-se de grande importância, pois vai corresponder às articulações previsíveis de conteúdo, ou seja, às suas estruturas lógicas.

Nesta narrativa de Maupassant, assinalamos três momentos relevantes, que preparam o final do conto, ou melhor, a morte quase trágida do herói:

— o primeiro deles contém os elementos que prenunciam o "desenlace" — se é que assim podemos chamar o final tão bem enlaçado dessa trama irreversível;

— o segundo refere-se ao descrédito, que conduz o protagonista ao desespero;

— o terceiro trata de sua morte propriamente dita.

Nesses momentos estão inscritas as seqüências, que a seguir desenvolvemos:

1º momento: prenúncio da morte (a corda)

a — A desavença. "Maitre" Hauchecorne, velho fazendeiro de Bréauté, "seguro como bom normando", e "maitre"

3 PANDOLFO, M. C. P. (1977a). Citando Greimas.

4 GREIMAS, A. J. (1970). p.199.

5 IBIDEM. (p. 187).

Malandain, comerciante de arreios em Goderville, desentendem-se por causa de um cabresto. Ambos rancorosos, tornam-se, por isso, inimigos.

b — **O encontro.** Tempos depois, ao se dirigir à feira de Goderville, Hauchecorne apanha do chão um barbante. Surpreendido no ato por seu adversário, esconde o objeto e procura disfarçar o embaraço. Levanta-se, continua o caminho para a feira.

c — **A notícia.** Na praça, o rufar de um tambor anuncia a perda de uma carteira, com dinheiro e papéis. Há gratificação para quem a devolver. A notícia suscita comentários variados.

2º momento: morte moral (o nó)

d — **A intriga.** Hauchecorne, que almoça na estalagem local, é intimado a apresentar-se à autoridade: o "maire". É acusado de ter apanhado a carteira. Explica-se, tentando desfazer o equívoco. A denúncia é de Malandain, que o viu, pela manhã, abaixar-se na estrada, recolhendo algo. Hauchecorne pede que o revistem: nada encontram. Acareado com o inimigo, Malandain insiste na denúncia.

e — **A difamação.** Marius Paumelle (empregado de uma fazenda, encontra a carteira e a entrega ao patrão, que lhe faz devolvê-la ao dono. Hauchecorne rejubila-se, julgando, assim, comprovada sua inocência. Os camponeses, porém, considerando-o espertalhão, não acreditam nele. Acusam-no de ter um cúmplice.

3º momento: morte física (o laço)

f — **A loucura.** Desesperado, Hauchecorne só fala no barbante. Procura por todos os meios convencer os camponeses de sua inocência. Inútil. Quanto mais se justifica, mais parece incriminar-se. Acaba enlouquecendo.

g — **A morte.** Definhando a olhos vistos, Hauchecorne adoece e morre, protestando inocência e repetindo: "Um barbantinho... um barbantinho..."

2.2 Estruturas Narrativas

As estruturas narrativas correspondem à "fase de representação antropomórfica das articulações de conteúdo que produzem o sentido do discurso"⁶ — estruturas que, por sua vez, vão dar conta das modificações dos conteúdos veiculados.

⁶ IDEM. (1966), p.166.

Para a análise dessas estruturas, segundo o modelo greimasiano, tratamos do **sintagma contratual**, ou contrato, dos **sintagmas de desempenho**, ou provas, e dos **sintagmas de disjunção**.⁷

O contrato é um programa de ação, é o objeto (O), que o destinador (D_1) propõe ao destinatário (D_2).

Como ordem que aspira à permanência, um contrato impõe determinada axiologia ao destinatário, que, ao aceitá-lo, torna-se o sujeito da narrativa. É a **euforia**.

No entanto, o destinatário é livre para recusar a ordem do destinador. Nesse caso, ele se torna anti-sujeito. É a **disforia**.

Assim, em nosso texto, todos os camponeses estão de conformidade com o programa do D_1 , pois a atividade na feira, onde procuram tirar proveito, os qualifica como sujeitos. Hauchecorne, o protagonista, ao extrapolar os limites do contrato, torna-se anti-sujeito.

Da tensão entre os objetos do contrato, visto sob a ótica do Ser vs Parecer, emerge a tensão geradora da narrativa, a que aludímos de início.

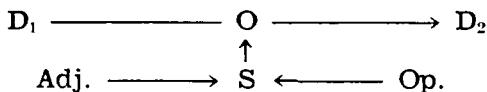
Ao estabelecer duas categorias actanciais, dois pares de oposições: **sujeito vs objeto**, **destinador vs destinatário**, Greimas retira-as da sintaxe e as ajusta ao micro-universo semântico.

A primeira categoria (sujeito vs objeto) é articulada segundo o "desejo", "manifestado sob sua forma ao mesmo tempo prática e mítica de procura".⁸

Na segunda (destinador vs destinatário), observa que o destinatário pode ser confundido com o sujeito.

As duas categorias citadas são complementadas por outro par de actantes: **adjuvante vs oponente**. O primeiro traz auxílio, agindo para a realização do desejo, enquanto o outro cria obstáculos a essa mesma realização.

O modelo actancial completo, proposto por Greimas, é o seguinte:



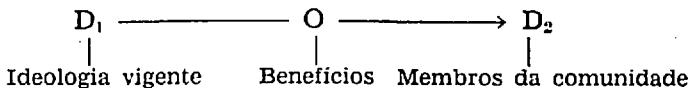
2.2.1 Sintagma contratual: O Contrato Social

Em **La Ficelle**, reconhecemos um contrato único, o **Contrato Social**, que, pondendo em circulação o sistema de valores responsáveis pela organização da narrativa, opera as modi-

7 IDEM. (1970). p.191.

8 PANDOLFO, M. C. P. (1977a). p.29.

ficações de conteúdo. Tratando-se de um sistema de comunicação, podemos formalizá-lo assim:



Para maior clareza, explicamos os conteúdos que os lexemas escolhidos importam:

D₁ — Ideologia vigente

O conto de Maupassant, enfocando uma comunidade campesina, tem como D₁, (destinador) a ideologia veiculada naquele meio, uma ideologia de tipo "burguês", ou um subproduto da ideologia burguesa, centrada, portanto, no lucro. Profundamente arraigada ao solo nutrício, essa ideologia se baseia no "dinheiro", mas também encontra seus valores no trabalho rude e pesado, fonte de economia:

Les mâles allaient, à pas tranquilles, tout le corps en avant à chaque mouvement de leurs longues jambes torses, déformées par les rudes travaux, par la pesée sur la charrue qui fait en même temps monter l'épaule gauche et dévier la taille, par le fauchage des blés qui fait écarter les genoux pour prendre un aplomb solide, par toutes les besognes lentes et pénibles de la campagne. (p. 1080)

Por isso, o camponês, cuja vida é tão laboriosa e difícil, sabe o valor de cada centavo, fato que o torna avarento, desconfiado e rígido.

Por acréscimo, trata-se, no texto, de camponeses normandos, reputados, como se sabe, extremamente econômicos, chegando às raias da usura. São eles o D₂ (destinatário) desse contrato.

Os fatos relevantes da narrativa ocorrem em Goderville, centro de convergência dos camponeses das localidades vizinhas, que têm na feira seu ponto máximo de interesses. O texto no-lo indica logo nas linhas iniciais:

Sur toutes les routes autour de Goderville, les paysans et leurs femmes s'en venaient vers le bourg; car c'était jour de marché. (p. 1080)

⁹ IDEM. (1977b), p.153.

A feira é o lugar por excelência dos negócios, momento ideal das "trocas". O sistema de "trocas", segundo Lévi-Straus, é próprio do homem como ser social. A necessidade de lucro, ou benefício, está presente em todos os momentos de sua atividade, pois a

organização econômica de uma Sociedade do tipo burguês, baseada no valor "dinheiro" /.../ articula-se em torno do eixo semântico ganho/perdas."

Nessa sociedade rural, é na feira que essa ideologia melhor aparece, traduzindo-se através de atitudes como: esperança, desconfiança e sovinice, muito bem ilustradas nesta passagem:

Les paysans tâtaient les vaches, s'en allaient, revenaient, perplexes, toujours dans la crainte d'être mis dedans, n'osant jamais se décider, épiant l'oeil du vendeur, cherchant sans fin à découvrir la ruse de l'homme et le défaut de la bête. (p. 1081) (O grifo é nosso.)

O trato com os animais é natural, quase instintivo, ao passo que as relações entre os homens da comunidade são mais difíceis, artificiais, cercadas de desconfianças mútuas. Todos temem ser enganados; por isso, o engodo se instaura como princípio geral: "C'est dit, mait'Anthime. J'veus l'donne" (p. 1081), diz uma feirante, fingido não obter lucro algum.

O = Benefícios

Como objeto (O) do Contrato Social, escolhemos o lema "benefícios", entendido, principalmente, como o resultado advindo de troca proveitosa de bens materiais. Numa sociedade onde o valor mais alto é o lucro, tudo o que puder ser obtido é considerado "benefício". Nesse contexto, um simples objeto encontrado ao acaso — um barbante — se afigura como lucro virtual, embora não exista relação de compra e venda. Não há vendedor nem comprador; o benefício não provém de transação comercial, mas qualquer coisa, até um pedaço de barbante, sempre pode ser útil:

Maître Hauchecorne, économie en vrai Normand, pensa que tout était bon à ramasser qui peut servir (p. 1081).

Portanto, Hauchecorne é o produto mais acabado dessa ideologia.

Por outro lado, o barbante representa, em seu aspecto imediato, um objeto mesquinho, quase sem valia. E é justamente por isso que a população duvidará, posteriormente, da palavra de Hauchecorne: quem poderia aceitar que um velho reumático se abaixasse tão penosamente, para recolher um simples barbante — isto é: para quê tanto esforço para tão pouco lucro? A desmedida entre esse esforço e o objeto recolhido dará a medida da incredulidade dos outros: a estória de Hauchecorne só poderia ser um engodo, para camuflar o achado de um objeto de maior valor. Se o princípio é a esperteza, admitindo o lucro ainda à custa do prejuízo alheio, o gesto do personagem só pode ser decodificado como atitude de astúcia e má fé. Assim, a palavra de Hauchecorne permanecerá, ao longo da narrativa, inverossímil, em confronto com a de Malandain:

palavra de Malandain	=	palavra de Hauchecorne
verdade		mentira

D. = Membros da comunidade

O contrato proposto decorre da estrutura social vigente no contexto em que se situa a narrativa.

São destinatários desse contrato, de modo geral, os camponeses, especialmente os nomeados: Hauchecorne, Malandain, Jourdain, etc. Os outros encarnam meras funções, representando a organização da sociedade, como o "maire", o "brigadier" e o "crieur public".

Hauchecorne põe-se em euforia com os valores que a sociedade considera positivos: trabalho, responsabilidade e "astúcia". Pauta a conduta individual pelos parâmetros sociais instituídos, isto é, ele diz SIM a esses valores, do mesmo modo que Malandain, o seleiro.

Malandain tem uma propriedade comercial. Negocia com objetos de couro; fabrica e vende arreios: selas, cabrestos, etc.

2.2.2 Sintagmas de desempenho, ou provas

Estes sintagmas põem em evidência as transformações por que passam os valores estabelecidos no sintagma contratual.

E, para que o contrato se cumpra, três provas devem ser realizadas:

— as provas qualificantes: pelas quais o sujeito qualifica-se, habilitando-se para a obtenção do objeto;

- as principais: o sujeito consegue o objeto;
- as glorificantes: o sujeito é reconhecido e recompensado, ou punido, pelos seus feitos.

a — Provas qualificantes

As provas qualificantes caracterizam-se, segundo Greimas, pela aquisição de três modalidades: o querer, o saber e o poder, que vão permitir a realização do fazer.

Os camponeses, em geral, pela atuação na feira, passam da categoria actancial de destinatários à de sujeitos. A qualidade de todos é a esperteza, que se traduz em saber tirar proveito dos outros, ainda que ludibriando-os.

Hauchecorne já aparece qualificado pelo próprio texto: "économé en vrai Normand". É, pois, a expressão fiel da Ideologia. Tem o querer e o saber, que se manifesta quando, ao avistar o barbante no chão, deseja tomá-lo para si. Tudo é útil: "tout était bon à ramasser qui peut servir" (p. 1087). O poder lhe é difícil, devido ao reumatismo, mas não impossível. Ele consegue, finalmente, pegar o barbante mas, a partir desse momento, tudo foge ao seu controle, pois sua atitude é motivo da desconfiança de Malandain, seu inimigo, que "sur le seuil de sa porte /.../ le regardait". (p. 1081)

Malandain, qualificado pelo próprio nome (*malan* confunde-se foneticamente com *malin*) tem o querer e o saber. Tendo altercado um dia com Hauchecorne, por causa de um cabresto, guarda, no fundo, certo desejo de desforra. Ele quer uma revanche. O acaso e a ideologia são seus adjuvantes. Por isso, observa com atenção o gesto de Hauchecorne. Esperto que é, desconfia do que vê. Não é ele o malin? Não tem ele o saber peculiar do astuto e do *voyeur*, que, ao nível do Parecer, pensa ter surpreendido o inimigo em flagrante delito? Assim, tudo contribui para fortalecer nele o poder: testemunha ocular, de posse de "pleno conhecimento" do fato "delituoso", Malandain só pode denunciar Hauchecorne.

No episódio do barbante, o próprio olhar de Malandain provoca alteração no comportamento do outro:

Majtre Hauchecorne fut pris d'une sorte de honte d'être vu ainsi, par son ennemi, cherchant dans la crotte un bout de ficelle. /.../ puis il fit semblant de chercher encore par terre quelque chose /.../ (p. 1081) (O grifo é nosso.)

Dessa maneira, temos naturalidade vs artificialidade, o que corresponde, na categoria da verificação, ao: ser vs parecer.

b — Provas principais

Estas provas consistem, para os personagens nomeados, em executar o programa imposto pelo D₁, com o qual estão em euforia.

Assim, procurar o lucro constitui a prova principal dos personagens do Contrato Social.

Para Hauchecorne, recolher o barbante é sua prova principal, que se torna contraditória, na medida em que, ao procurar o ganho, é, por isso mesmo, suspeito de tentar escamotear-lo, quando nega ter apanhado a carteira perdida.

No entanto, na perspectiva do sujeito, o ato praticado corresponde ao maior empenho em observar a regra da ideologia, isto é, tirar proveito de tudo.

Já para Malandain, a habilidade em decodificar um gesto suspeito do inimigo constitui sua prova principal.

Para os camponeses, então, interpretar o ato segundo o que ouvem, ou seja, a partir da notícia veiculada, passa a ser sua prova principal.

Essas provas podem ser resumidas da seguinte maneira:

- Hauchecorne: recolheu o barbante, que sempre pode servir;

- Malandain: o que Hauchecorne apanhou é, "certamente", a carteira perdida;

- camponeses: Hauchecorne pegou a carteira para si e, para não se comprometer, fez devolvê-la por um cúmplice.

c — Provas glorificantes

Trata-se do reconhecimento de Hauchecorne como herói, ou como anti-herói, dependendo da interpretação do seu ato.

Assim, as provas glorificantes desenvolvem-se em dois momentos simetricamente opostos: antes e depois do fato polêmico — perda da carteira.

O antes, momento um, atualiza-se no "episódio do barbante": Hauchecorne, velho reumático, apanha alguma coisa do chão e é visto por Malandain.

Situando-se no nível do parecer, Malandain julga pelas aparências, a partir das quais deduz o que, para ele, é a verdade.

Dessa maneira, quando vê Hauchecorne abaixado, recolhendo algo do chão, supõe, de acordo com a Ideologia, tratar-se de objeto precioso, pois o camponês

cacha brusquement sa trouvaille sous sa blouse,
puis dans la poche de sa culotte; puis il fit sem-
blant de chercher encore par terre quelque chose

qu'il ne trouvait point / . . . / (p. 1081) (O grifo é nosso.)

Há, pois, uma tentativa de disfarce, que é interpretada como dissimulação, confirmados pelo próprio texto, que reconhece Hauchecorne como enganador: quer persuadir a alguém de algo que não é verdade.

Decorre daí que, para Malandain, o que Hauchecorne esconde bruscamente, é o que parece: objeto precioso, dado o esforço para consegui-lo.

Esse jogo "do Ser e do Parecer" (E e P) aparece modalizado pela categoria da veridicação. Assim, temos os modos:

- da verdade: o que é e parece ($e + p$);
- do segredo: o que é mas não parece ($e + \bar{p}$);
- da mentira: o que não é mas parece ($\bar{e} + p$);
- do falso: o que nem é nem parece ($\bar{e} + \bar{p}$).¹⁰

Nesses termos, para Malandain, o objeto recolhido é precioso, porque só um objeto precioso compensaria o esforço para obtê-lo e induziria à pressa em escondê-lo — ou seja, ao nível do Parecer, é e parece precioso:

P ($e + p$).

Não obstante, ao nível do Ser, essa afirmação corresponde à falsidade, ou seja, não é nem parece, pois Hauchecorne só encontrou um barbante, e não algum objeto precioso:

E ($\bar{e} + \bar{p}$).

Para Hauchecorne, entretanto, recolher o barbante significa fidelidade ao princípio ideológico: de tudo tirar proveito. Ao esconder, envergonhado, o barbante, oculta a verdade, com o que a transforma em ser do segredo. Daí:

E ($e + \bar{p}$).

O depois, segundo momento em que as provas glorificantes se desenvolvem, ocorre quando o pregoeiro anuncia a perda de uma carteira com dinheiro, na mesma estrada ("route de Beuzeville" — p. 1082) em que Malandain vira Hauchecorne apanhar algo do chão.

Associando os fatos, Malandain conclui que o objeto recolhido por Hauchecorne é a carteira perdida.

10 IDEM. (1977a), p.12.

O "olho" de Malandain transforma o "objeto precioso" em carteira.

Sabedor, assim, do caso, mal ouve a notícia da perda da carteira, vai logo ao "maire", comunicando esse saber, investido da força que lhe confere a condição de testemunha ocular do fato. Sua palavra é aceita como verdadeira. É a primeira prova glorificante de Malandain.

Logo, a acusação evidencia o **parecer verdade** — Hauchecorne achou a carteira, tal como interpreta Malandain:

$$P (e + p).$$

Agora, todo o esforço de Hauchecorne terá o sentido de **des-enganar**, ou seja, de provar que o fato, de que o acusam, isto é, o de ter pegado a carteira:

$$P (e + p),$$

é um fato inexistente, ou seja, que

$$E (\bar{e} + \bar{p}),$$

porquanto a explicação verdadeira do caso está no **segredo**, que só ele sabia, e que agora desvenda: o objeto era o barbante:

$$E (e + \bar{p}).$$

Tenta convencer a autoridade do equívoco, jurando: "Pa-role d'honneur, je n'en ai seulement point eu connaissance" (p. 1083). Depois, encolerizado ao conhecer o nome do seu delator, exibe o objeto encontrado, como comprovante: "I m'a vu ramasser c'te ficelle-là, tenez, m'sieu le maire". (p. 1083). É esse **segredo** que ele des-vela e quer fazer aceitar como verdade.

Sua prova glorificante é negativa, na medida em que a autoridade, situada no nível do Parecer, não lhe dá crédito, demonstrando, no entanto, acreditar na versão de Malandain:

Vous ne me ferez pas accroire, maître Hauchecorne, que M. Malandain, qui est un homme digne de foi, a pris ce fil pour un portefeuille. (p. 1084) (O grifo é nosso.)

Para Malandain, ser reconhecido, pelo representante da Sociedade, como "homem digne de foi" constitui sua prova

glorificante máxima, pois, atualizando seu ser, ele é mesmo o herói-vitorioso. Esta prova, centralizada na sua palavra, é positiva.

Consegue, dessa maneira, fazer parecer verdade o que, de fato, nos diz o texto, é mentira:

$$E (\bar{e} + \bar{p}) \longrightarrow P (e + p).$$

Hauchecorne continua envidando todos os esforços para transformar o segredo em verdade. Ao ser acareado com Malandain, diante da autoridade, sua prova toma forma de combate simulado (discussão), durante a qual "Ils s'injurierent une heure durant" (p. 1084), saindo vencedor, com mais esta prova glorificante, Malandain.

Ainda na "mairie", Hauchecorne lança mão de outro recurso: pede que o revistem. "On ne trouva rien sur lui" (p. 1084). Ao nível do ser, essa prova é positiva; entretanto,

le maire, fort perplexe, le renvoya, en le prévenant qu'il allait aviser le parquet et demander des ordres. (p. 1084)

O peso da ideologia ainda é mais forte do que a ausência de provas culpabilizantes.

Assim, a prova glorificante de Hauchecorne se apresenta como o resultado de três tentativas malogradas de persuasão: sua palavra é considerada mentirosa.

Espalhada a notícia da acusação, ou seja, do parecer verdade:

$$P (e + p),$$

Hauchecorne empreende nova ação de intuito persuasivo, graças à qual quer des-enganar a comunidade, tentando fazê-la aceitar que, nesse caso, o que parece verdade é, na realidade, mentira:

$$P (e + p) \longrightarrow E (\bar{e} + \bar{p}).$$

A comunidade recusa a mensagem de Hauchecorne, pois, situada no nível do parecer, julga a partir do verossímil, e o verossímil é que só se faz esforço com objetivo de lucro.

Mas essa atitude dos camponeses não é somente negativa, porquanto ela reconhece Hauchecorne como "vieux malin" (herói segundo a ideologia), atribuindo a ele a capacidade de maquinção necessária para, encontrando a carteira, praticar a dupla façanha de dissimular o achado e, ainda, simular a estória do barbante — que poderia iludir a incau-

tos, não, porém, aos argutos (*malins*) componentes de tal sociedade.

Hauchecorne, por sua vez, não tendo cometido qualquer delito, sente-se ofendido pela descrença e pelo escárnio de seus companheiros de ideologia.

A sociedade rejeita sua versão com incredulidade, evidenciada nas atitudes tanto no dirigente ("le maire, incrédule" — p. 1083) quanto dos integrantes do grupo, onde "Il ne rencontra que des incrédules". (p. 1085)

E a rejeição se processa de modo a desarmá-lo — com o riso: o caso desperta uma "curiosité goguenarde" (p. 1084); seus ouvintes mostram "l-air de plaisanter en l'écoutant". (p. 1085).

Quando, portanto, o consenso ideológico entre os camponeses chega a esse ponto de rejeição generalizada a um deles, dá-se a censura: o consenso é rompido, pois lhes parece ver, na ação atribuída a Hauchecorne, não só um requinte de malícia — conforme o ditado: *A malin, malin et demi* — mas também, ironicamente, uma demonstração de desajeiamento.

Hauchecorne bem o sente, e continua sua luta, na obsessão de persuadir os outros da sua verdade — enfim, a única verdade — e obsessão tal que o conduz à loucura (segregação em vida) e à morte (separação definitiva).

2.2.3 Sintagmas de disjunção

Os sintagmas de disjunção relacionam-se com os espaços que delimitam a narrativa em duas dêixis, aparentemente, antinômicas: Goderville e Bréauté.

O primeiro é o espaço da sociedade, onde há feira, espaço familiar ao herói, mas onde ocorre o fato que o estigmatiza socialmente. É, pois, o espaço que se caracteriza, na perspectiva do Sujeito, como o espaço da frustração.

Nota-se que, uma semana após o incidente, Hauchecorne empreende nova viagem a Goderville, já dissociado do interesse comum em sua região, de lá ganhar dinheiro, mas "uniquement poussé par le besoin de conter son cas". (p. 1085)

O outro é o espaço do Indivíduo, onde Hauchecorne possui sua propriedade rural e sua casa. É o espaço onde, sentindo-se Anti-herói, passa a viver num exílio, solitário, "frappé au coeur par l'injustice"; é o espaço onde "Son esprit, atteint à fond, s'affaiblissait", ficando "uniquement occupé de l'histoire de la ficelle"; é o espaço onde "Il déperissait à vue d'oeil" e onde, finalmente, "Il mourut dans les premiers jours de janvier". (p. 1086)

2.3 Investimento Semântico

As estruturas narrativas necessitam de investimento semântico, para se manifestarem no discurso. A oposição **Natureza vs Cultura**, assim como as **forças temáticas**, constituem os componentes semânticos do texto que estudamos.

2.3.1 Natureza vs Cultura

No espaço da Cultura, comportamento e pensamentos são regidos por um sistema simbólico de regras, que permite a vida em sociedade, isto é, a vida com os outros. Opõe-se à Natureza, que se caracteriza pela ausência de regras.

Dessa estrutura decorre a oposição fundamental do texto: "**indivíduo vs sociedade**. Hauchecorne, na qualidade de camponês, inscreve-se, naturalmente, no espaço da Natureza: lida com a terra e é dela que tira seu sustento. Sua velhice fá-lo voltar à infância, que se opõe à Cultura. Seu nome, aliás, já o identifica com a natureza, fazendo-o semelhante à espécie bovina (*hauche*, homônimo do verbo *hocher*, significa "abanan", e *corne* é "chifre"). Além disso, Hauchecorne não consegue fazer-se "compreender" pelos outros que formam a sociedade, espaço da Cultura. Exagera na observância das atitudes permitidas pela sociedade, e, por isso mesmo, é desacreditado. Seu gesto inútil de apanhar o barbante inscreve-se, aos olhos da comunidade, como gesto interdito, porque exclui o ganho, incluindo-se, assim, no espaço da Natureza.

Já Malandain é *bourrelier*, "seleiro", trabalha com o couro, transformando-o em elemento integrante da Cultura.

2.3.2 Forças temáticas

Em *La Ficelle*, essas forças se configuraram no espaço e na palavra.

a — O espaço

Sem dúvida, o espaço é a força temática fundamental em *La Ficelle*, que faz do espaço social o quadro do seu desenvolvimento e o sustentáculo da estrutura realista do conto.

Fundamentado no Parecer, esse espaço social perpassa e neutraliza o espaço individual, de modo que o Ser do indivíduo, por assim dizer, se anula.

Esse espaço se atualiza na feira, espaço aberto; na prefeitura ("mairie"), espaço fechado, e na estalagem, "seuil" entre o primeiro e o segundo.

A feira

A oposição Natureza vs Cultura é encontrada por exceléncia na feira, percebida como festa e como mercado.

É o espaço onde impera a confusão, a desordem, o alarido, numa atmosfera carnavaлизada¹¹, que evoca e prossegue a secular tradição das feiras medievais. Festa tipicamente popular, torna a praça de Goderville, o tablado do grande espetáculo da região, onde se mesclam o colorido, o brilho das roupas, o exagero, comunicados no texto por comparações hiperbólicas e por sinédoques que deformam a proporção dos corpos:

Leur blouse bleue, empesée, brillante, comme vernie, ornée au col et aux poignets d'un petit dessin de fil blanc, gonflée autor de leur torse osseux, semblait un ballon prêt à s'envoler, d'où sortaient une tête, deux bras et deux pieds. (p. 1080)

Não faltam os duplos paródicos de homens e mulheres, cujo andar os assemelha, grotescamente, aos animais: os homens caminham como bovídeos, "à pas tranquilles", e as mulheres, "d'un pas plus court et plus vif" (p. 1080), parecem aproximar-se dos galináceos.

No meio dessa "foule criarde et lente" (p. 1082), o contato livre e familiar de ricos e pobres se estende aos animais: seres humanos e bestas aparecem nivelados na mesma promiscuidade, como num mundo às avessas, onde a sensualidade explode num redemoinho de sinestesias:

Sur la place de Goderville, c'était une foule, une cohue d'humains et de bêtes mélangés.

Tout cela sentait l'étable, le lait et le fumier, la foin et la sueur, dégageait cette saveur /.../ bestiale. particulière aux gens des champs. (p. 1080 — 1081)

Por seu caráter periódico, a feira aproxima-se da Natureza, que se nutre da alternância entre Vida e Morte.

A feira, entretanto, é um espaço ambivalente, onde Natureza e Cultura coexistem, manifestadas na festa e no mercado.

Vista como mercado, a feira perde seu caráter carnavalesco, vinculando-se ao sentido prático, utilitarista, e é precisamente esse que marca a sociedade burguesa, precipuamente orientada para o ganho.

¹¹ BAKHTINE, Mikhail. (1976), p.153.

A estalagem

Entre o espaço aberto da feira e o espaço fechado da "mairie", insere-se um espaço de transição: a estalagem.

Lugar de encontro, como a feira, é ali que os camponeses "restauram" suas forças, comendo e bebendo. Local de diálogo, onde comemoram negócios realizados na feira, selam acordos e comentam as novidades da vida rural.

É um espaço universal, de que todos compartilham, não se percebendo diferenças individuais, que aparecem apenas entre os veículos, no pátio.

Chez Jourdain, la grande salle était pleine de mangeurs, comme la vaste cour était pleine de véhicules de toute race (...) (p. 1082)

Assim, abundância e plenitude, ligadas ao tema carnavalesco da fecundidade, determinam o caráter da festa, do banquete, da bonne chère presente na estalagem:

Trois broches tournaient, chargées de poulets, de pigeons et de gigots; et une délectable odeur de viande rôtie et de jus ruisselant sur la peau rissolée, s'envolait de l'âtre, allumait les gaietés, mouillait les bouches. (p. 1082)

Enquanto espaço de transição, enquanto limiar, seuil entre o dentro e o fora, a estalagem é, também, como a feira, um espaço ambivalente. Dá acesso, tanto à plenitude biológica, instintiva, natural, quanto à força coercitiva da Lei. Se "chez Jourdain", a festa se prolonga, é igualmente lá que Hauchecorne é intimado a comparecer perante a autoridade.

A "mairie"

Este é o espaço da Lei, das obrigações, das proibições; espaço especificamente cultural, que exclui toda e qualquer manifestação espontânea, inclusive a ambivalência Natureza/Cultura, que, já o vimos, pairava nos espaços anteriores. É o lugar do Poder, da Autoridade que não se questiona, representada pela figura onipotente do "maire", que exerce, ao mesmo tempo, atribuições executivas e judiciárias:

Le maire l'attendait, assis dans un fauteuil. C'était le notaire de l'endroit, homme gros, grave, à phrases pompeuses. (p. 1083)

Espaço simbólico, é na "mairie" que se consuma a morte moral de Hauchecorne.

Maitre Hauchecorne, dit-il, on vous a vu ce matin ramasser, sur la route de Beauzeville, le portefeuille perdu (...) (p. 1083)

b — A palavra

Segundo Cassirer, o verbo tem um potencial mágico, capaz de operar transformações.¹²

Em *La Ficelle*, o discurso de Malandain é investido de poder, um poder que lhe é conferido pela Ideologia. Esse vigor é salientado no confronto com Hauchecorne:

Il (Hauchecorne) eut beau protester, on ne le crut pas.

Il fut confronté avec M. Malandain, qui répéta et soutint son affirmation. Ils s'injurièrent une heure durant. (p. 1084)

O verbo de Malandain é fecundante, pois gera a verossimilhança da interpretação do gesto de Hauchecorne e a consequente credibilidade da "justiça" e da comunidade.

Forte e crível, a palavra do acusador neutraliza e invalida a palavra do acusado, que se torna, então, sem vigor, e incrível, impotente, incapaz diante do discurso do outro. Reduzida a um punhado de palavras inúteis, a estória de Hauchecorne só serve para enredá-lo ainda mais:

Et il se mit à raconter l'histoire de la ficelle. On ne le crut pas. On riait. (p. 1084)

Le soir, il fit une tournée dans le village de Bréauté, afin de la dire à tout le monde. Il ne rencontra que des incrédules. (p. 1085)

Isomórfica do fio e do barbante, a palavra de Malandain tece a armadilha que apanha o camponês, enquanto a palavra de Hauchecorne o enreda cada vez mais nos fios que o prendem.

Basta seguir o fio que a narração vai estendendo, para verificar com que vigor a estória se auto-tece, mencionando a si mesma por nada menos de dezessete vezes.

12 CASSIRER, Ernst. (1972), p.52.

3 — CONCLUSÃO

A uma leitura superficial, pode-se qualificar o conto de Maupassant como simples. Um estudo mais aprofundado revela, todavia, que ele é regido por uma ambigüidade que relativiza todo maniqueísmo, por estar construído no jogo do Ser e do Parecer. Daí a importância da categoria da veridicação.

La Ficelle é, em resumo, a estória de um ato inteiramente banal e de sua interpretação, accidentalmente comprometida por um outro fato, a ponto de, na perspectiva dos demais sujeitos, com ele se confundir e fundir-se num só.

É importante notar que o poder do Sujeito (= Hauchecorne) sobre seu próprio ato passa para o espectador (= Malandain, o que viu) e daí para o senso comum (= camponeses, a sociedade que ouviu) e os dois atores buscam ratificar as respectivas versões diante da autoridade constituída: a polícia, a municipalidade, o juiz.

É seu aspecto de banalidade que torna inverossímil aos outros o ato "realmente" praticado pelo sujeito, uma vez que o julgamento se baseia nos valores ideológicos do grupo.

Toda a estória gira, pois, em torno da procura vã, inútil (como o barbante) de Hauchecorne em se fazer reconhecer inocente pelo seu D₁, que é a própria Sociedade com sua axiologia. Todos os seus argumentos, todo o seu empreendimento persuasivo só servem para confirmar a versão que lhe é contrária — falsa, mas verossímil.

Ser e Parecer emaranham-se, desse modo, no tecido de *La Ficelle*. E é, precisamente, na tensão desse jogo do Ser e do Parecer que se descobre a modernidade de Maupassant.

Ilustrando uma moral pragmática, o herói serve-lhe para fazer a crítica dessa moral, dita burguesa, isto é, do egoísmo e do lucro.

É inegável a afinidade entre Maupassant e os autores da moderna literatura do absurdo, particularmente no que respeita à luta sem perspectivas dos personagens kafkianos.

De fato, ao desencontrar-se do mundo, seu herói encontra-se num labirinto sem saída.

RÉSUMÉ

Analyse des structures narratives du texte de Maupassant, *La Ficelle*, en soulignant les oppositions sur lesquelles s'appuie ce tissu, cherchant ainsi faire apparaître ses "significations".

A autora, JUDITH CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA FREITAS:

- na Universidade Federal do Paraná — UFPr:
 - Licenciada em Letras Neolatinas (1970);
 - Professora de Francês (1974-1984);
- na Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ:
 - Mestre em Letras Modernas (1980);
 - Professora de Francês (desde 1984).

BIBLIOGRAFIA

1. BAKHTINE, Mikhaïl. *L'Oeuvre de François Rabelais et la Culture Populaire au Moyen Age et sous la Renaissance*. Paris, Gallimard, 1970. 471 p.
2. BARTHES, Roland et alii. *L'Analyse Structurale du Récit*. In: *Poétique du Récit*. Paris, Seuil, 1977. 180 p.
3. CASSIRER, Ernst. *Linguagem e Mito*. São Paulo, Perspectiva, 1972. 131 p.
4. GREIMAS, A.J. *Sémantique Structurale*. Paris, Seuil, 1970. 314 p.
5. ———. *Maupassant. La Sémiotique du Texte: Exercices Pratiques*. Paris, Seuil, 1976. 277 p.
6. ———. *Du Sens: Essais Sémiotiques*. Paris, Seuil, 1970. 314 p.
7. MAUPASSANT, Guy de. *Contes et Nouvelles I*. Paris, Gallimard, 1974. 1662 p. (Bibl. de la Pléiade)
Todas as citações de *La Ficelle* remetem às páginas 1080-1086, dessa edição.
8. PANDOLFO, M.C.P. *Práticas de Estruturalismo*. Rio de Janeiro, Grifo, 1977a. 103 p. (Col. Littera, 13)
9. ———. *Ser ou Não-Ser Antígona*. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1977b. 187 p.